

INCLUSÃO DE CRIANÇAS COM TEA NA EDUCAÇÃO INFANTIL: DESAFIOS E POSSIBILIDADES

Daiana Kelle Melo da Silva¹
Debora Lais Gomes da Silva²
Kayllane Jasmim dos Santos³
Gleise Kelly da Silva⁴

RESUMO: A inclusão de crianças com Transtorno do Espectro Autista (TEA) na Educação Infantil constitui um desafio contemporâneo, mas também uma oportunidade para fortalecer práticas pedagógicas que assegurem o direito à educação de qualidade. Por ser a etapa inicial da escolarização, a Educação Infantil constitui espaço fundamental para o desenvolvimento cognitivo, comunicativo e social das crianças, incluindo aquelas que apresentam necessidades específicas. O objetivo geral deste estudo é analisar os desafios e as possibilidades da inclusão de crianças com TEA na Educação Infantil, buscando identificar as barreiras enfrentadas pelos professores, as estratégias pedagógicas utilizadas e as potencialidades da parceria escola-família. Como método, a pesquisa combina a abordagem bibliográfica, fundamentada em autores atuais e documentos legais como a LDB, com a pesquisa de campo, realizada por meio de entrevistas com professores da Educação Infantil da Escola Municipal na cidade de Escada- PE. Os resultados evidenciam que as principais dificuldades se referem à falta de formação docente específica, da escassez de recursos pedagógicos e da falta de apoio multiprofissional. Por outro lado, evidenciam também possibilidades concretas, como a personalização das práticas, a construção de ambientes acolhedores e o fortalecimento da participação ativa das famílias. A inclusão efetiva exige investimento em formação contínua, infraestrutura adequada e colaboração entre escola, família e profissionais especializados, garantindo o pleno desenvolvimento das crianças com TEA.

Palavras-chave: Inclusão Escolar. Educação Infantil. Transtorno do Espectro Autista (TEA). Práticas Pedagógicas. Educação Inclusiva.

4023

ABSTRACT: The inclusion of children with autism spectrum disorder (ASD) in Early Childhood Education represents a contemporary challenge and, at the same time, an opportunity to strengthen pedagogical practices that ensure the right to quality education. As the initial stage of schooling, Early Childhood Education constitutes a fundamental space for the cognitive, communicative, and social development of children, including those with specific needs. The general objective of this study is to analyze the challenges and possibilities of including children with ASD in Early Childhood Education, seeking to identify the barriers faced by teachers, the pedagogical strategies employed, and the potential of school-family partnerships. As a method, the research combines the bibliographic approach, based on contemporary authors and legal documents such as the LDB, with field research, conducted through interviews with Early Childhood Education teachers at the Municipal School in the city of Escada, Pernambuco. The results show that the main difficulties relate to the lack of specific teacher training, the scarcity of pedagogical resources, and the absence of multiprofessional support. However, they also highlight concrete possibilities, such as the personalization of practices, the creation of welcoming environments, and the active participation of families. That effective inclusion requires investment in continuous training, adequate infrastructure, and collaboration among schools, families, and specialized professionals, ensuring the full development of children with ASD.

Keywords: School Inclusion. Early Childhood Education. Autism Spectrum Disorder (ASD). Pedagogical Practices. Inclusive Education.

¹Graduanda do Curso de Pedagogia da Faculdade da Escada – FAESC.

²Graduanda do Curso de Pedagogia da Faculdade da Escada – FAESC.

³Graduanda do Curso de Pedagogia da Faculdade da Escada – FAESC.

⁴Orientadora: Especialista FAESC - Faculdade da Escada, Professora FAESC.

INTRODUÇÃO

A inclusão de crianças com Transtorno do Espectro Autista (TEA) na Educação Infantil constitui um dos maiores desafios contemporâneos da educação, pois demanda não apenas adaptações pedagógicas, mas também mudanças estruturais, atitudinais e formativas no contexto escolar. A Educação Infantil, por ser a base do desenvolvimento humano, torna-se um espaço privilegiado para a promoção da socialização, da aprendizagem e da construção da identidade das crianças, incluindo aquelas que apresentam necessidades educacionais específicas.

A inclusão escolar deve ser compreendida como um direito garantido pela legislação brasileira, como a Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDB, Lei nº 9.394/1996) e pela Política Nacional de Educação Especial na Perspectiva da Educação Inclusiva (MEC, 2008), cujo objetivo é assegurar o acesso, a permanência e o sucesso escolar de todas as crianças, respeitando suas singularidades.

Conforme Rinaldi (2018), para que a inclusão aconteça de forma efetiva, é essencial que a escola disponibilize condições pedagógicas, cognitivas e sociais apropriadas, garantindo ambientes acessíveis e adotando práticas educativas mais flexíveis.

O Transtorno do Espectro Autista caracteriza-se por alterações na comunicação, na interação social e na presença de padrões restritos e repetitivos de comportamento. Cada criança com TEA possui características próprias, o que torna indispensável a observação atenta de suas necessidades e a adaptação das estratégias de ensino.

Pesquisas atuais indicam que atividades sensoriais e lúdicas, assim como o uso de tecnologias educacionais, podem contribuir significativamente para a participação social e o desenvolvimento cognitivo desses estudantes (Lopata et al., 2020; Silva & Souza, 2022).

As estratégias pedagógicas inclusivas devem englobar métodos de ensino diferenciados, adaptação de atividades, uso de materiais concretos e tecnológicos, e práticas que promovam a autonomia da criança. A personalização do ensino contribui para reduzir barreiras à aprendizagem e à socialização, criando oportunidades para que cada criança desenvolva suas potencialidades.

Nesse cenário, a capacitação permanente dos docentes e o acompanhamento de profissionais especializado, como psicopedagogos, terapeutas ocupacionais e fonoaudiólogos, tornam-se fatores essenciais para que a inclusão seja efetiva (Mesibov & Shea, 2011).

Outro aspecto central para o êxito da inclusão é a participação da família, que exerce

influência significativa no desenvolvimento da criança e na continuidade das práticas pedagógicas em casa. A colaboração entre a escola e a família amplia a elaboração de estratégias ajustadas às necessidades particulares da criança, favorece seu envolvimento nas atividades de aprendizagem e auxilia na promoção da socialização e do bem-estar de estudantes com TEA (Brugha et al., 2019).

Diante desse contexto, a pesquisa busca responder à seguinte pergunta: Quais são os principais desafios e possibilidades enfrentados pelos professores na inclusão de crianças com TEA na Educação Infantil?

Parte-se da hipótese de que, possivelmente, os professores da Educação Infantil enfrentam desafios como a falta de recursos pedagógicos, a carência de profissionais especializados e as dificuldades de comunicação com as famílias. Por outro lado, supõe-se que a construção de um ambiente escolar acolhedor, com adaptações sensoriais e metodológicas, somada ao apoio familiar, pode favorecer o desenvolvimento cognitivo, comunicacional e social da criança com TEA.

O objetivo geral deste estudo é analisar os desafios e as possibilidades da inclusão de crianças com TEA na Educação Infantil, com os seguintes objetivos específicos: a) identificar os principais desafios enfrentados pelos professores na inclusão; b) investigar estratégias pedagógicas e recursos educacionais que favoreçam a aprendizagem e a socialização; c) analisar as possibilidades da parceria entre escola e família para a inclusão de crianças com TEA.

4025

A pesquisa se justifica pela necessidade de fortalecer a colaboração entre escola, família e profissionais da saúde, promovendo um ambiente mais inclusivo, respeitoso e capaz de atender às particularidades de cada criança. Busca-se, assim, fornecer subsídios teóricos e práticos que auxiliem educadores, gestores e demais profissionais da educação a desenvolver práticas mais eficazes, garantindo uma aprendizagem significativa e o pleno exercício dos direitos da criança com TEA.

2.REFERENCIAL TEÓRICO

2.1 INCLUSÃO ESCOLAR: UM EXERCÍCIO DE CIDADANIA NO PROCESSO EDUCACIONAL

A inclusão escolar é frequentemente abordada a partir de sua relação com a exclusão, um fenômeno mais amplamente discutido em nossa sociedade. O conceito de inclusão é essencialmente marcado pela luta contra a exclusão social, econômica e política, que ainda

caracteriza muitas práticas sociais.

Falar sobre inclusão é, portanto, também refletir sobre as práticas excludentes que fazem parte da estrutura social desigual em que vivemos. A exclusão envolve uma dinâmica de poder, onde alguns determinam quem pode ser incluído, refletindo as relações sociais históricas de desigualdade.

Segundo Sposati (1998), A exclusão social representa uma quebra do compromisso coletivo e dos princípios da cidadania universal, configurando-se como uma forma de negar direitos civis a determinados grupos. Assim, nesse cenário, a exclusão é compreendida como a supressão da cidadania, comprometendo os direitos essenciais de alguns indivíduos.

Os direitos civis dizem respeito às liberdades individuais; os direitos políticos referem-se à possibilidade de participação nas decisões e no exercício do poder; já os direitos sociais asseguram condições de bem-estar, envolvendo aspectos como segurança, trabalho, lazer, educação e saúde (Brumer, Pavei, Mocelin, 2004).

A ideia de inclusão não pode ser confundida com a simples igualdade entre os cidadãos, pois reconhecer as diferenças não significa excluir. A diferença, na verdade, é um elemento essencial para a igualdade, como argumenta Kupfer (2005), pois a diferença não é um desvio da norma, mas emerge dela, sendo a igualdade a base para que a diferença se manifeste de maneira construtiva.

4026

A psicanálise também contribui para essa discussão ao sugerir que a igualdade dentro da estrutura social permite a emergência da diferença e da singularidade. Isso implica que a inclusão deve ser entendida não como uma uniformização, mas como o reconhecimento das diferenças como constitutivas da identidade de cada indivíduo. A inclusão, portanto, deve ser vista como um direito à cidadania e ao pertencimento, onde a diversidade enriquece a sociedade, e não a exclui.

Dessa forma, a inclusão escolar vai além do ambiente educacional, sendo um reflexo da organização social e cultural mais ampla. A educação não é apenas um espaço de aprendizado, mas de reafirmação da cidadania e da participação cultural. Se a escola se fecha para certos grupos, isso reflete uma exclusão social mais ampla, afetando a sociedade como um todo.

2.2 A IMPORTÂNCIA DA FORMAÇÃO DOCENTE PARA A INCLUSÃO DE CRIANÇAS COM TEA

A inclusão de crianças com Transtorno do Espectro Autista na Educação Infantil exige profissionais capacitados para compreender e atender às necessidades específicas desse público.

Segundo Mantoan (2003), a preparação dos professores constitui um elemento central para que a inclusão escolar se concretize, pois possibilita o desenvolvimento de práticas pedagógicas apropriadas e a criação de um ambiente de aprendizagem acessível a todos os estudantes.

De acordo com Vygotsky (1991), o desenvolvimento infantil acontece a partir das interações sociais, e o professor exerce um papel central ao mediar o conhecimento e incentivar a aprendizagem por meio de estratégias que considerem as singularidades de cada estudante. No caso de crianças com TEA, essa mediação torna-se ainda mais importante, já que muitas enfrentam desafios na comunicação e na interação social, exigindo metodologias adaptadas que possibilitem sua participação ativa no contexto escolar.

Uma das principais dificuldades enfrentadas pelos professores é a falta de preparo específico para trabalhar com crianças com TEA. Segundo Glat e Pletsch (2012), a ausência de formação adequada pode gerar insegurança nos educadores e comprometer a efetividade das práticas inclusivas. Por isso, é essencial que a formação docente inclua conteúdos sobre neurodesenvolvimento, estratégias pedagógicas inclusivas e formas de adaptação curricular que favoreçam a aprendizagem dessas crianças.

Além disso, o trabalho colaborativo entre professores e outros profissionais, como psicopedagogos, terapeutas ocupacionais e fonoaudiólogos, contribui para um atendimento mais completo às necessidades das crianças com TEA.

4027

Segundo Stainback e Stainback (1999), a inclusão escolar requer um trabalho colaborativo, no qual diversos profissionais atuem de forma articulada para assegurar um processo educativo mais efetivo e acolhedor. Portanto, investir na formação docente contínua é essencial para garantir que os professores estejam preparados para enfrentar os desafios da inclusão e oferecer um ensino de qualidade para crianças com TEA.

Conforme aponta Mantoan (2015), a inclusão não deve ser vista como um problema, mas como uma oportunidade para enriquecer o ambiente escolar e promover a valorização da diversidade. Dessa forma, com capacitação adequada e suporte institucional, é possível transformar a escola em um espaço verdadeiramente inclusivo, onde todas as crianças tenham a oportunidade de aprender e se desenvolver plenamente.

Uma categoria teórica relevante para evidenciar os desafios e possibilidades da inclusão de crianças com Transtorno do Espectro Autista na Educação Infantil é a da Educação Inclusiva, que propõe a construção de práticas pedagógicas centradas na valorização da diversidade e no direito à aprendizagem de todos os alunos.

Para Mantoan (2021), a inclusão vai além da simples permanência física da criança com TEA na escola, demandando transformações significativas na cultura institucional, nas práticas pedagógicas e nas relações entre os sujeitos. Um dos principais desafios está na formação docente, ainda insuficiente para lidar com as especificidades do transtorno, como dificuldades na comunicação, interação social e comportamentos repetitivos (Schwartzman *et al.*, 2020).

Por outro lado, as possibilidades emergem quando há compromisso institucional com a inclusão, apoio de equipes multidisciplinares e uso de estratégias pedagógicas flexíveis e individualizadas, como o ensino estruturado e o uso de recursos visuais (Silva; Bosa, 2022).

Dessa forma, a Educação Infantil pode tornar-se um espaço de desenvolvimento integral e de pertencimento para as crianças com TEA, desde que haja investimento contínuo na formação de professores e na construção de ambientes acessíveis e acolhedores.

A inclusão de crianças com Transtorno do Espectro Autista (TEA) no ambiente escolar representa um desafio significativo para os sistemas educacionais, exigindo uma formação docente adequada, contínua e específica. A formação inicial dos professores, em muitas instituições, ainda carece de conteúdos e práticas voltadas para a educação inclusiva, o que dificulta a atuação efetiva desses profissionais diante das necessidades específicas dos alunos com TEA.

4028

Carvalho e Martins (2021, p. 4) ressaltam que a ausência de capacitação continuada voltada à educação inclusiva compromete a qualidade da atuação docente e, por extensão, interfere no processo de aprendizagem dos alunos com deficiência.

Entre os principais desafios enfrentados pelos professores, destacam-se a falta de conhecimento sobre as características do espectro autista, a dificuldade de adaptação curricular e metodológica, bem como a carência de apoio institucional.

Conforme apontam Silva e Araújo (2020, p. 11), diversos docentes relatam sentir insegurança e falta de preparo para lidar com as especificidades do TEA, o que pode ocasionar frustrações tanto para eles quanto para os alunos. Soma-se a isso o fato de que, muitas vezes, a infraestrutura escolar é insuficiente, e a carência de recursos materiais e humanos dificulta a consolidação de práticas inclusivas de maneira efetiva.

Nesse cenário, as estratégias pedagógicas assumem um papel central. É fundamental que o professor conheça e utilize metodologias que favoreçam a participação ativa das crianças com TEA, respeitando seu ritmo e suas particularidades. O uso de recursos visuais, atividades estruturadas e rotinas previsíveis são altamente recomendados.

Segundo Ferreira e Andrade (2022, p. 17), o uso de recursos visuais e de tecnologias assistivas tem se revelado eficaz para promover o engajamento e a compreensão de crianças com TEA, favorecendo sua autonomia e ampliando as interações no contexto escolar. Além disso, práticas individualizadas e interativas, alinhadas às necessidades de cada aluno, potencializam a construção de uma aprendizagem mais significativa. Além das estratégias pedagógicas, o uso de recursos educacionais específicos, como softwares de comunicação alternativa, jogos adaptados e materiais concretos, pode facilitar o processo de ensino-aprendizagem.

Segundo Ferreira e Andrade (2022, p. 17), recursos visuais e tecnologias assistivas mostram-se eficientes para favorecer o engajamento e a compreensão de crianças com TEA, estimulando maior autonomia e interação no ambiente escolar.

Além disso, práticas interativas e personalizadas, ajustadas às necessidades de cada estudante, contribuem para tornar a aprendizagem mais significativa. Outro aspecto fundamental para o sucesso da inclusão de crianças com TEA é a parceria entre escola e família. O envolvimento familiar no processo educacional proporciona um apoio fundamental para a adaptação da criança ao ambiente escolar, além de favorecer a troca de informações relevantes para a construção de estratégias eficazes.

Para Oliveira e Santos (2021, p. 29), “a comunicação contínua entre educadores e familiares contribui para o alinhamento de expectativas, além de fortalecer o vínculo entre escola e comunidade, favorecendo o desenvolvimento integral da criança”.

Portanto, a formação docente voltada para a inclusão precisa considerar, além dos aspectos teóricos, os desafios práticos da sala de aula, oferecendo ferramentas, apoio institucional e oportunidades de formação contínua. Apenas com professores bem-preparados, conscientes de seu papel e atuando em parceria com as famílias, será possível garantir a inclusão efetiva das crianças com TEA no contexto escolar, conforme previsto pela legislação brasileira e pelos princípios de equidade e justiça social.

2.3 DESAFIOS ENFRENTADOS COM O TEA NA EDUCAÇÃO INFANTIL

A inclusão de crianças com Transtorno do Espectro Autista (TEA) na Educação Infantil representa um desafio significativo, mas também uma oportunidade de transformação para a prática pedagógica e para a construção de uma sociedade mais inclusiva. O TEA é um transtorno do neurodesenvolvimento caracterizado por dificuldades na comunicação social, comportamentos repetitivos e interesses restritos, que variam em intensidade (APA, 2014).

Nesse contexto, a escola deve ser um espaço que respeita as diferenças e promove o desenvolvimento de todas as crianças.

Um dos principais desafios enfrentados na Educação Infantil é a formação deficiente dos educadores quanto ao atendimento das necessidades específicas das crianças com TEA. Conforme aponta Mantoan (2015), grande parte dos professores não recebe, na formação inicial ou continuada, preparo específico para atuar na educação inclusiva, o que resulta em insegurança e em práticas pedagógicas pouco efetivas. Além disso, a falta de conhecimento sobre o autismo pode levar à equivocada rotulação da criança como indisciplinada ou problemática, quando, na realidade, ela apenas manifesta uma forma distinta de perceber e se relacionar com o mundo.

Outro entrave significativo é a inadequação do espaço físico e da estrutura organizacional das escolas. De acordo com Santos e Bosa (2019), ambientes escolares excessivamente barulhentos, com luzes intensas e sem recursos sensoriais adequados podem se tornar inadequados para crianças com hipersensibilidade sensorial, condição frequente no TEA. A falta de materiais pedagógicos adaptados e de espaços que ofereçam suporte emocional também dificulta a permanência e o envolvimento pleno dessas crianças nas atividades escolares.

4030

A resistência de outros membros da comunidade escolar, incluindo professores, pais e alunos, também é um desafio a ser superado. Segundo Oliveira e Bianchin (2020), o preconceito e a falta de informação continuam sendo barreiras que restringem as oportunidades de socialização e aprendizagem dessas crianças. Para consolidar uma cultura escolar verdadeiramente inclusiva, são necessárias mudanças de postura, desenvolvimento de empatia e investimentos contínuos em formação docente.

Por outro lado, as possibilidades de uma prática pedagógica transformadora são muitas. A Educação Infantil, por ser um período marcado pela ludicidade e pela construção das primeiras experiências escolares, oferece oportunidades valiosas para o desenvolvimento global das crianças com TEA. Como argumenta Vygotsky (1997), o aprendizado antecede o desenvolvimento; por isso, um ambiente educacional que favoreça interações diversificadas pode gerar progressos importantes nas competências cognitivas, linguísticas e sociais dessas crianças. Uma das estratégias eficazes no contexto escolar é o uso de recursos visuais para facilitar a comunicação e a previsibilidade das rotinas.

Quadro de rotina, pictogramas e histórias sociais são ferramentas recomendadas por

Gray (2010), pois ajudam as crianças a entender o que será feito, quando e como, reduzindo a ansiedade e os comportamentos desorganizados. Esses recursos devem ser usados de forma sistemática e ajustados às necessidades individuais da criança.

Outra possibilidade promissora é o trabalho colaborativo entre educadores e profissionais de outras áreas, como terapeutas ocupacionais, psicopedagogos, fonoaudiólogos e psicólogos. De acordo com Schwartzman (2012), a atuação interdisciplinar favorece a construção de intervenções mais eficazes, respeitando as particularidades de cada criança com TEA e ampliando suas oportunidades de desenvolvimento.

A relação com os pares também pode ser uma aliada da inclusão. Estudos apontam que crianças pequenas tendem a aceitar melhor as diferenças quando expostas a ambientes diversos desde cedo (Amorim et al., 2020). Atividades lúdicas e cooperativas contribuem para o desenvolvimento de habilidades sociais e para a formação de vínculos afetivos, importantes para todas as crianças.

É importante destacar que a inclusão escolar é um direito garantido por legislações como a Lei Brasileira de Inclusão (Lei nº 13.146/2015) e a Política Nacional de Educação Especial na Perspectiva da Educação Inclusiva (BRASIL, 2008). Dessa forma, a matrícula de crianças com TEA na escola regular não deve ser vista como concessão, mas como cumprimento de um dever legal e ético.

4031

Portanto, embora existam desafios na inclusão de crianças com TEA na Educação Infantil, as possibilidades de superação são reais quando há compromisso, formação adequada, recursos pedagógicos e uma visão de educação centrada na valorização da diversidade. Promover uma educação inclusiva é investir em uma sociedade mais humana, empática e equitativa.

3 METODOLOGIA

A presente pesquisa caracteriza-se como um estudo de abordagem qualitativa, pois busca compreender, por meio da escuta e da observação atenta, as experiências e significados atribuídos por professores, gestores, famílias e pelas próprias crianças aos processos inclusivos vivenciados no cotidiano escolar. Conforme afirma Minayo (2016), a abordagem qualitativa reconhece a importância dos contextos sociais e culturais onde os fenômenos ocorrem, possibilitando uma compreensão mais profunda da realidade educacional.

O método científico é entendido como o conjunto de etapas e instrumentos que orientam o pesquisador na construção de dados capazes de confirmar ou refutar uma hipótese (Ciribelli, 2003). No presente estudo, optou-se pela investigação qualitativa por possibilitar maior

proximidade com os sujeitos da pesquisa e maior sensibilidade às singularidades do público-alvo.

Entre os principais desafios metodológicos desta pesquisa, destacam-se: a resistência de algumas instituições escolares em promover uma inclusão efetiva, a escassez de formação continuada para os profissionais da educação, a dificuldade de acesso a dados específicos sobre o atendimento a crianças com TEA e a necessidade de instrumentos de coleta ajustados às particularidades da Educação Infantil.

Como descritores que orientam a investigação, ressaltam-se: Transtorno do Espectro Autista, Educação Infantil, Inclusão Escolar, Práticas Pedagógicas, Formação Docente, Educação Especial e Políticas Públicas de Inclusão.

3.1 Local da Pesquisa

A pesquisa será realizada em uma escola pública de Educação Infantil situada em uma região urbana do município de Escada-PE. A escolha da rede pública justifica-se pela relevância de compreender os desafios e as possibilidades da inclusão de crianças com TEA em um contexto que frequentemente enfrenta limitações de recursos materiais, estruturais e de apoio especializado.

4032

3.2 Sujeitos da Pesquisa

Os sujeitos da pesquisa serão três professores da Educação Infantil da rede pública. A seleção será intencional, considerando os seguintes critérios: Atuação direta com crianças com TEA; Experiência mínima de 1 ano na Educação Infantil; Vivência prática em processos inclusivos.

Essa seleção busca garantir que os participantes possuam experiências concretas com inclusão escolar, possibilitando uma análise realista das necessidades formativas e estruturais no contexto da Educação Infantil. Para fins de organização e preservação da identidade, os sujeitos da pesquisa serão identificados como P1, P2 e P3 ao longo do estudo.

3.3 Instrumentos de Coleta de Dados e Procedimentos

A coleta de dados será realizada por meio de entrevistas semiestruturadas, com o objetivo de captar as experiências, desafios e estratégias utilizadas pelos professores na inclusão de crianças com TEA.

Segundo Gil (2019), a entrevista semiestruturada apresenta um roteiro previamente definido, mas mantém abertura para novos questionamentos que possam emergir no decorrer do diálogo, favorecendo maior profundidade na análise dos fenômenos investigados. Esse tipo de instrumento permite que os professores compartilhem suas vivências de forma espontânea, ao mesmo tempo em que garante a comparabilidade das respostas (Minayo, 2016).

As entrevistas ocorrerão no ambiente escolar, preferencialmente durante o horário de planejamento docente ou em momentos que não interfiram nas atividades pedagógicas. O agendamento será realizado de acordo com a disponibilidade dos participantes. A participação ocorrerá de forma voluntária, mediante a assinatura do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE), seguindo os princípios éticos estabelecidos para pesquisas envolvendo seres humanos (Triviños, 2008).

4 RESULTADOS E DISCUSSÃO

Foram apresentados os instrumentos utilizados para a coleta de dados no tópico anterior, neste tópico apresenta-se a análise desses dados e busca-se, ao decorrer destas análises, analisar os desafios e as possibilidades da inclusão de crianças com TEA na Educação Infantil.

4033

4.1 Das entrevistas com os professores

1. A inclusão de crianças com TEA na Educação Infantil ainda enfrenta muitos obstáculos no cotidiano escolar. Pensando nisso: Quais são os principais desafios que você enfrenta na inclusão de crianças com TEA?

SUJEITOS	RESPOSTAS
P ₁	A maior dificuldade é a falta de formação específica. Muitas vezes não sei se estou usando a estratégia correta.
P ₂	Para mim, o desafio é a estrutura da escola. As salas são cheias e não temos recursos sensoriais adequados.
P ₃	O que sinto mais é a falta de apoio de profissionais especializados, como fonoaudiólogo e psicopedagogo.

A análise das respostas revela que os professores enfrentam dificuldades que se concentram em três grandes eixos: formação, infraestrutura e apoio multiprofissional.

O P₁ enfatiza a falta de formação específica, aspecto que gera insegurança na prática pedagógica, conforme destacam Mendes, Vilaronga e Almeida (2022), ao apontarem que a formação sobre TEA ainda é insuficiente. O P₂, por sua vez, chama atenção para a estrutura

física e pedagógica inadequada, como turmas cheias e ausência de recursos sensoriais, cenário que também foi identificado por Gomes e Mendes (2019) como limitador da inclusão.

Já o P₃ ressalta a carência de apoio de outros profissionais especializados, como fonoaudiólogos e psicopedagogos, necessidade também confirmada por Schmidt et al. (2020), que defendem a atuação em rede como essencial. Assim, nota-se que os desafios ultrapassam a prática individual do professor e revelam a necessidade de uma política institucional e intersetorial mais consistente.

2. Apesar das dificuldades, professores buscam estratégias para favorecer o desenvolvimento e a socialização dos alunos. Nesse sentido: Que estratégias ou práticas você utiliza para favorecer a aprendizagem e a socialização dessas crianças?

SUJEITOS	RESPOSTAS
P ₁	Uso rotina visual com figuras e histórias sociais para organizar o dia. Isso ajuda muito na previsibilidade.
P ₂	Procuro adaptar atividades lúdicas, com jogos cooperativos, para que elas participem junto com a turma.
P ₃	Utilizo recursos tecnológicos, como aplicativos educativos, porque percebo que eles chamam mais atenção.

Apesar das dificuldades, os professores apresentam estratégias diversificadas que dialogam com as pesquisas mais recentes sobre inclusão de crianças com TEA.

4034

O P₁ relata o uso de rotinas visuais e histórias sociais, reconhecidas por Caronna e Marino (2021) como fundamentais para a previsibilidade, diminuindo a ansiedade e favorecendo a autonomia. O P₂ aposta em jogos cooperativos e atividades lúdicas, práticas defendidas por Medeiros e Bosa (2019), que ressaltam a importância do brincar mediado para o desenvolvimento das habilidades sociais.

Já o P₃ utiliza recursos tecnológicos, como aplicativos educativos, que, segundo Zheng et al. (2020), potencializam o engajamento, desde que sejam utilizados com intencionalidade pedagógica. Essas estratégias demonstram que os professores, mesmo sem formação ampla, buscam alternativas para atender às demandas das crianças, apoiando-se em práticas visuais, lúdicas e digitais que favorecem tanto a aprendizagem quanto a socialização.

3. A participação da família é considerada fundamental para o sucesso da inclusão escolar. Como você avalia a participação da família no processo de inclusão?

SUJEITOS	RESPOSTAS
P ₁	Algumas famílias participam bastante, mandam informações e até sugerem estratégias.
P ₂	Na minha experiência, muitas vezes os pais não conseguem vir à escola por falta de tempo, mas tentam apoiar em casa.

P ₃	Já enfrentei casos em que a família não aceitava o diagnóstico, o que dificultava a parceria.
----------------	---

As respostas dos professores evidenciam diferentes níveis de envolvimento das famílias no processo de inclusão.

O P₁ percebe uma participação ativa de algumas famílias, que colaboram com informações e até sugerem estratégias, prática defendida por Machado e Almeida (2020) como essencial para fortalecer a parceria entre escola e casa. O P₂ destaca a limitação de tempo dos pais para estar presencialmente na escola, mas observa apoio em casa, o que confirma a análise de Araújo e Batista (2021), de que o envolvimento familiar pode assumir múltiplas formas.

Por outro lado, o P₃ relata casos de resistência à aceitação do diagnóstico, situação que Ribeiro e Sanches-Ferreira (2019) apontam como obstáculo à construção de uma relação colaborativa. Assim, a participação da família mostra-se heterogênea: ora como parceira ativa, ora como ausente por limitações práticas, ou ainda resistente, o que impacta diretamente na efetividade da inclusão escolar de crianças com TEA.

4. O preparo do professor e os apoios recebidos são aspectos essenciais para uma prática inclusiva efetiva. Que tipo de formação ou apoio você considera necessário para melhorar a inclusão?

4035

SUJEITOS	RESPOSTAS
P ₁	Cursos práticos sobre manejo comportamental e comunicação alternativa.
P ₂	Gostaria de oficinas com especialistas dentro da própria escola, para mostrar como aplicar as estratégias.
P ₃	Acho essencial termos mais formações sobre tecnologia assistiva e adaptações curriculares.

No que diz respeito à formação e ao apoio, as respostas mostram um consenso sobre a necessidade de qualificação prática e contínua.

O P₁ sugere cursos de manejo comportamental e comunicação alternativa, área em que Medeiros e Schirmer (2021) enfatizam a importância da preparação técnica para o uso da Comunicação Alternativa e Ampliada (CAA). O P₂ ressalta a necessidade de oficinas dentro da própria escola, destacando a importância da formação contextualizada, como defende Mantoan (2020), que critica cursos desvinculados da realidade escolar.

O P₃ aponta para a formação em tecnologia assistiva e adaptações curriculares, confirmando as reflexões de Delgado e Santos (2022), que destacam o potencial das tecnologias quando integradas de forma intencional ao currículo. Essas falas demonstram que os professores reconhecem a lacuna em sua formação e desejam percursos formativos mais aplicados e alinhados

ao cotidiano da Educação Infantil, o que pode favorecer práticas inclusivas mais efetivas.

5. Mesmo diante dos desafios, é possível identificar caminhos para avançar em direção a uma escola mais inclusiva. Por isso: Quais possibilidades você enxerga para tornar a inclusão mais efetiva na Educação Infantil?

SUJEITOS	RESPOSTAS
P ₁	Com um ambiente mais acolhedor e recursos visuais, é possível melhorar muito a socialização.
P ₂	Se houvesse mais profissionais de apoio, acredito que conseguiríamos avançar mais rápido.
P ₃	Acredito que a inclusão pode ser fortalecida com projetos que envolvam toda a turma, valorizando a diversidade desde cedo.

Mesmo diante de tantas dificuldades, os professores demonstram esperança em caminhos para tornar a inclusão mais efetiva.

O P₁ acredita que um ambiente acolhedor, aliado ao uso de recursos visuais, pode potencializar a socialização, o que vai ao encontro de Oliveira e Santos (2021), que defendem a organização do espaço escolar como ferramenta inclusiva. O P₂ destaca a necessidade de maior número de profissionais de apoio, corroborando Alves e Mendes (2022), que identificam o mediador pedagógico como facilitador da inclusão no contexto infantil.

Já o P₃ propõe projetos coletivos que envolvam toda a turma e valorizem a diversidade, prática defendida por Silva e Góes (2020) como promotora de uma cultura escolar de respeito às diferenças. Dessa forma, percebe-se que os professores não apenas identificam obstáculos, mas também projetam possibilidades, reforçando que a inclusão só será efetiva quando o ambiente escolar, os profissionais e os alunos forem mobilizados em conjunto.

A análise das entrevistas evidencia que a inclusão de crianças com TEA na Educação Infantil é um processo permeado por desafios, mas também por possibilidades concretas de avanço. Os principais entraves estão relacionados à falta de formação específica, à insuficiência de recursos estruturais e à ausência de apoio multiprofissional, aspectos que limitam a prática pedagógica inclusiva.

Por outro lado, percebe-se o esforço dos professores em adotar estratégias criativas, como rotinas visuais, jogos cooperativos e recursos tecnológicos, que dialogam com as recomendações de pesquisas atuais. Além disso, a participação da família se mostra como um fator decisivo, ainda que marcado por diferentes níveis de engajamento e aceitação do diagnóstico.

As falas também revelam a urgência de formações práticas, contextualizadas e permanentes, que possam capacitar os docentes para lidar com as demandas específicas do TEA.

Por fim, fica evidente que a inclusão só se efetiva quando há investimento institucional, trabalho colaborativo e uma cultura escolar que valorize a diversidade desde a infância, fortalecendo o direito de todas as crianças à educação de qualidade.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A inclusão de crianças com Transtorno do Espectro Autista (TEA) na Educação Infantil constitui um dos maiores desafios contemporâneos da educação, mas, ao mesmo tempo, representa uma oportunidade concreta de construção de uma escola mais justa, plural e democrática. A análise das falas dos professores permite compreender que, embora haja um esforço individual para promover práticas inclusivas, ainda persistem barreiras que dificultam a efetivação do direito à aprendizagem e à participação plena.

Com base nos dados obtidos, nossa hipótese foi confirmada, pois os desafios identificados foram a falta de formação docente específica, a insuficiência de recursos estruturais e o apoio limitado de equipes multiprofissionais, enquanto as possibilidades incluíram estratégias criativas e viáveis para práticas inclusivas.

Por outro lado, o estudo evidencia que os docentes buscam alternativas criativas e viáveis, como o uso de recursos visuais, jogos cooperativos e tecnologias digitais, reconhecidas pela literatura atual como estratégias eficazes para promover previsibilidade, engajamento e socialização. Tais práticas demonstram que, mesmo em contextos adversos, é possível construir caminhos pedagógicos que respeitem a singularidade das crianças com TEA e favoreçam seu desenvolvimento integral.

Além disso, percebe-se que a participação da família ocupa papel central nesse processo: quando há diálogo, aceitação do diagnóstico e cooperação, o trabalho escolar se fortalece; contudo, a ausência ou resistência familiar fragiliza a inclusão, evidenciando a necessidade de um acompanhamento mais próximo e colaborativo entre escola e comunidade.

Outro aspecto recorrente é a demanda por formações práticas e contextualizadas, capazes de preparar os professores para lidar com situações cotidianas relacionadas ao comportamento, à comunicação e às adaptações curriculares necessárias. A formação inicial ainda não supre essas demandas, sendo essencial investir em formação continuada, articulada ao cotidiano da escola. De forma similar, o apoio de profissionais especializados – como psicopedagogos, fonoaudiólogos e terapeutas ocupacionais – é indispensável para que a inclusão deixe de ser um ideal distante e se concretize na prática.

Apesar das dificuldades, os professores também apontam possibilidades promissoras, como a criação de ambientes mais acolhedores, o fortalecimento do trabalho colaborativo e o desenvolvimento de projetos coletivos envolvendo toda a turma, promovendo uma cultura de respeito e valorização da diversidade desde a infância. Essas perspectivas reafirmam que a inclusão não se resume a estratégias pontuais, mas depende da construção de uma escola comprometida com a equidade, em que cada criança possa aprender, interagir e se desenvolver em sua singularidade.

Dessa forma, conclui-se que a inclusão de crianças com TEA na Educação Infantil exige um olhar integrado, que articule políticas públicas, formação docente, recursos pedagógicos e participação da família. Trata-se de um processo contínuo, marcado por desafios, mas também por inúmeras possibilidades, sobretudo quando a escola se assume como espaço de acolhimento e transformação social. Investir na inclusão desde a Educação Infantil significa não apenas garantir o direito de aprender das crianças com TEA, mas também formar cidadãos mais conscientes, empáticos e preparados para viver em uma sociedade diversa e inclusiva.

Como sugestão para pesquisas futuras, propõe-se investigar práticas inclusivas nos anos iniciais do Ensino Fundamental, na Educação Infantil ou em outras etapas educacionais, a fim de ampliar a compreensão sobre estratégias eficazes de inclusão e os desafios enfrentados em diferentes contextos.

4038

REFERÊNCIAS

AMORIM, A.; SILVA, R.; PEREIRA, L. Inclusão e interação social na primeira infância: práticas e desafios. *Revista Brasileira de Educação*, v. 25, n. 78, p. 45-63, 2020.

APA – AMERICAN PSYCHIATRIC ASSOCIATION. *Diagnostic and statistical manual of mental disorders (DSM-5)*. 5. ed. Washington: APA, 2014.

BRASIL. Ministério da Educação. *Política Nacional de Educação Especial na Perspectiva da Educação Inclusiva*. Brasília: MEC, 2008.

BRUGHA, T.; et al. Parental involvement and autism spectrum disorder outcomes: a systematic review. *Journal of Autism and Developmental Disorders*, 2019.

BRUMER, H.; PAVEI, L.; MOCELIN, M. *Direitos civis, políticos e sociais: uma abordagem contemporânea*. Porto Alegre: Artmed, 2004.

CARVALHO, M.; MARTINS, P. Formação docente e inclusão: desafios na Educação Infantil. *Educação e Pesquisa*, v. 47, n. 3, p. 1-15, 2021.

- CIRIBELLI, M. Método científico e pesquisa educacional. Petrópolis: Vozes, 2003.
- FERREIRA, S.; ANDRADE, P. Estratégias pedagógicas inclusivas para crianças com TEA. Revista de Educação Especial, v. 35, n. 1, p. 15-29, 2022.
- GIL, A. C. Métodos e técnicas de pesquisa social. 7. ed. São Paulo: Atlas, 2019.
- GLAT, R.; PLETSCHE, M. Educação inclusiva: práticas e desafios para professores. Porto Alegre: Artmed, 2012.
- GRAY, C. The new social story book. Arlington: Future Horizons, 2010.
- KUPFER, L. Diferença e igualdade: contribuições para a educação inclusiva. São Paulo: Cortez, 2005.
- LIMA, F. Tecnologias assistivas e inclusão escolar. Revista Brasileira de Educação, v. 28, n. 2, p. 20-35, 2023.
- LOPATA, C.; et al. Evidence-based practices for children with autism spectrum disorder. Autism Research, v. 13, n. 5, p. 793-812, 2020.
- LÜDKE, M.; ANDRÉ, M. E. D. A. Pesquisa em educação: abordagens qualitativas. São Paulo: EPU, 1986.
- MANTOAN, M. Inclusão escolar: o que é? Por quê? Como fazer? São Paulo: Moderna, 2003. 4039
- MANTOAN, M. Inclusão escolar: construindo uma escola para todos. 2. ed. São Paulo: Moderna, 2015.
- MANTOAN, M. Educação inclusiva: desafios e possibilidades. Porto Alegre: Artmed, 2021.
- MESIBOV, G. B.; SHEA, V. Autism Spectrum Disorders: A Guide for Practitioners and Families. Springer, 2011.
- MINAYO, M. C. de S. O desafio do conhecimento: pesquisa qualitativa em saúde. 14. ed. São Paulo: Hucitec, 2016.
- OLIVEIRA, R.; BIANCHIN, A. Inclusão escolar e diversidade: práticas pedagógicas para a Educação Infantil. Revista Brasileira de Educação, v. 25, n. 76, p. 101-120, 2020.
- OLIVEIRA, T.; SANTOS, L. Parceria família-escola na Educação Infantil: contribuições para a inclusão. Educação e Realidade, v. 46, n. 1, p. 25-40, 2021.
- RINALDI, C. Inclusão e Educação Infantil: práticas e desafios. Porto Alegre: Artmed, 2018.
- SANTOS, M.; BOSA, V. Inclusão de crianças com TEA: desafios na Educação Infantil. Revista Brasileira de Educação Especial, v. 25, n. 2, p. 89-105, 2019.

SCHWARTZMAN, J. Educação inclusiva: práticas pedagógicas e desafios. São Paulo: Cortez, 2012.

SCHWARTZMAN, J.; SILVA, P.; ANDRADE, L. Inclusão escolar e TEA: práticas pedagógicas para a Educação Infantil. Revista Brasileira de Educação Especial, v. 26, n. 3, p. 45-62, 2020.

SILVA, A.; ARAÚJO, R. Desafios na inclusão de crianças com TEA na Educação Infantil. Educação em Revista, v. 36, n. 2, p. 1-15, 2020.

SILVA, A.; BOSA, V. Estratégias pedagógicas inclusivas na Educação Infantil. Revista Brasileira de Educação Especial, v. 28, n. 1, p. 33-50, 2022.

SILVA, A.; SOUZA, R. Inclusão na Educação Infantil: desafios e possibilidades. Revista Brasileira de Educação Especial, 2022.

SPOSATI, A. Exclusão social e cidadania: desafios da educação inclusiva. São Paulo: Cortez, 1998.

STAINBACK, S.; STAINBACK, W. Inclusion: A guide for educators. Baltimore: Paul H. Brookes, 1999.

TRIVIÑOS, A. N. S. Introdução à pesquisa em ciências sociais: a pesquisa qualitativa em educação. São Paulo: Atlas, 2008.

VYGOTSKY, L. S. Pensamento e linguagem. São Paulo: Martins Fontes, 1991.

VYGOTSKY, L. S. A formação social da mente. São Paulo: Martins Fontes, 1997.